

## **DIÁLOGOS ENTRE AS OBRAS DE PAULO FREIRE E FERNANDO GONZÁLEZ REY**

Luciana Soares Muniz<sup>1</sup>  
Pilar de Almeida<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho<sup>3</sup> tem por objetivo apresentar um diálogo entre as obras de dois grandes pensadores reconhecidos nacional e internacionalmente, Paulo Freire, pesquisador brasileiro criador de uma obra e de um trabalho pedagógico com educação popular e alfabetização de adultos, e Fernando González Rey, pesquisador cubano, teórico da subjetividade, na área da psicologia, ganhador do Prêmio Interamericano de Psicologia, pela sua contribuição ao desenvolvimento da psicologia nas Américas.

Por vários motivos, o diálogo entre as obras dos dois pensadores apresenta-se desafiador. Entre eles, os diferentes objetos de pesquisa, suas diferentes influências teóricas, seus distintos contextos sócio-históricos e, por fim, as suas extensas e densas obras, que, em si, apresentam trajetórias inerentes à evolução dos pensamentos em diferentes momentos. Esse grande desafio não se esgota neste artigo, mas acreditamos que a presente análise possa contribuir para orientar futuras analogias entre os dois autores, bem como instigar outros diálogos que possam envolver seus estudos e concepções.

### **Paulo Freire e o contexto de seu pensamento**

O pensamento de Paulo Freire insere-se no contexto histórico dos grandes programas nacionais de alfabetização popular, da década de 50<sup>4</sup>, dos estudos do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), apontando as deficiências do país para o, então, ideal de “desenvolvimentismo”, da própria experiência com a educação popular, a partir de seu trabalho no Serviço Social da Indústria (SESI) de Pernambuco, de 1947 a 1957, assim como sua participação no Movimento de

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília, professora na área de Alfabetização Inicial na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia – Eseba/UFU.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília, consultora da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa – RNP.

<sup>3</sup> Agradecemos as valiosas contribuições ao presente texto da Professora Doutora Albertina Mitjans Martínez e do Professor Doutor Célio da Cunha.

<sup>4</sup> A “Campanha de Educação de Adultos”, de 1947, a “Campanha Nacional de Educação Rural”, de 1952, e a “Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo”, de 1958.

Cultura Popular do Recife<sup>5</sup>. Com efeito, as ideias de Paulo Freire foram amplamente acolhidas e implementadas em quase todos os movimentos envolvidos na prática da educação popular no país, entre 1962 e 1964 (BEISIEGEL, 2010). Em 1964, com o início da ditadura militar no Brasil, esse educador segue para o exílio onde publica importantes obras de seu pensamento, tais como a “Educação como Prática para a Liberdade”, de 1967, e “Pedagogia do Oprimido”, de 1970. Com influências, por vezes paradoxais, do humanismo cristão e do marxismo dialético, defende a educação como um ato político, necessária para o desenvolvimento de uma consciência crítica fundamental para uma prática libertária e para a emancipação cidadã. Assim, Paulo Freire denuncia, veementemente, a educação reprodutivista, bancária. Por conseguinte, o seu pensamento dá primazia à valorização da pessoa, do diálogo e da conscientização, que são condições imprescindíveis para a dignificação da existência.

### **Fernando González Rey e o contexto de seu pensamento**

Fernando González Rey, pesquisador cubano, da área da Psicologia, desenvolve a Teoria da Subjetividade, por meio de uma abordagem histórico-cultural da psique humana. Seu pensamento insere-se no contexto da evolução da psicologia soviética, mais especificamente, das leituras críticas sobre a Teoria da Atividade e das releituras da obra de Vygotsky, das décadas 70 de 80, e do pensamento complexo. Com influências de Vygotsky, Touraine, Guattari e Castoriadis, Fernando González Rey defende uma visão sistêmica da psique humana, considerando a subjetividade como expressão complexa do psicológico tanto em nível individual quanto em contextos e espaços sociais. Por meio da integração inseparável dos processos simbólicos e emocionais, González Rey defende, ainda, a dimensão ativa e transgressora do sujeito, capaz de ruptura e transcendência a quaisquer determinismos sociais, simbólicos ou psíquicos.

Nos itens a seguir, intentamos apresentar interessantes pontos de encontro entre as obras de Freire e González Rey.

---

<sup>5</sup> Movimento de grande repercussão cultural, organizado sob a administração do então prefeito Miguel Arraes em 1960, quando Paulo Freire iniciou, por meio dos “círculos de leitura”, as práticas do que viria a se constituir mais tarde o seu método de alfabetização de adultos.

## 1. O homem como ser constituído e constituinte de cultura

Para Paulo Freire, o trabalho com alfabetismo remete mais profundamente à capacidade das pessoas de efetuar uma leitura crítica do mundo que as cerca e, conseqüentemente, de transformá-lo. É na relação do homem com a natureza e com a cultura que Freire nos permite fazer aproximações com o conceito de cultura, o qual envolve a compreensão do homem no jogo de suas relações com esses mundos, constituindo e, ao mesmo tempo, sendo constituído em meio à cultura. Para ele, o homem deve ser compreendido na suas relações com a sua ambiência.

Podemos asseverar que Paulo Freire se preocupa com o homem em seu contexto próprio e que lhe é vivenciado de forma singular. Para o autor, a educação não é desvinculada da vida pulsante dos indivíduos que têm em si um mundo real e que, por isso mesmo, exige uma atitude crítica dos mesmos.

[...] somente a formação e o desenvolvimento de uma consciência capaz de apreender criticamente as características dessa realidade particular possibilitariam o exercício de sua atuação criadora. [...] Assim, a humanização do homem, isto é, a plena realização do homem enquanto criador de cultura e determinador de suas condições de existência passava necessariamente pela clarificação da consciência do homem. [...] Paulo Freire já compreendia a educação fundamentalmente como um processo de conscientização (BEISIEGEL, 2010, p.30).

Paulo Freire defende o não determinismo do indivíduo que é capaz de emancipar-se a partir de sua conscientização. O sujeito, para o autor, é um ser de relações que se afirma como ser de sua existência construída historicamente em comunhão com os outros homens, o que o define como dialogal e crítico. Mas essa “vocação ontológica de ser sujeito” esbarra numa realidade social que a contradiz, já que às forças dominantes interessa manter a maioria dos homens em situação de alienação e dominação (FREIRE, 2011b).

Ainda sobre a capacidade criadora dos indivíduos, vale citar o uso do conceito de “inédito viável”, conforme formulado por Jaspers (SAVIANI, 2010). No “inédito viável”, Paulo Freire faz uma releitura dos conceitos, de base marxista, de Goldman de “consciência real (efetiva) e “consciência máxima possível”. Para Goldman, a consciência real (ou efetiva) constitui-se nos obstáculos e desvios que a realidade empírica impõe à instauração da “consciência máxima possível”, ou

seja, o “máximo de consciência adequado à realidade”. A consciência real (ou efetiva) implica, dessa forma, a impossibilidade da percepção, para lá das “situações-limites”, o que denominamos o “inédito viável” (FREIRE, 1972 apud SAVIANI, 2010).

Sendo assim, o “inédito viável” constitui um dos conceitos fundamentais de Paulo Freire, e se refere à solução para problemas que estão além das situações-limite. O “inédito viável” é a futuridade a ser criada, ou seja, uma realidade que ainda não está posta, mas se configura como um projeto possível e em vias de se realizar. Para que tal realidade seja construída, torna-se necessária a superação da situação-limite. Por isso, o “inédito viável” constitui a força motriz da ação humana para a concretização de uma sociedade idealizada, sonhada.

A relação do homem com o mundo não ocorre de forma linear do externo para o interno ou o inverso, mas de uma relação dialética entre o interno e o externo, em cujo processo o sujeito assume um papel fundamental, sendo ele capaz de efetuar mudanças no mundo e atuar como produtor e não mero consumidor de cultura. Essa ideia está presente em González Rey, que, igualmente, defende a capacidade criadora humana, como instituinte de cultura. Tal proposição é evidente tendo em vista suas categorias de sentido subjetivo e sujeito.

São sentidos subjetivos as produções simbólico-emocionais que emergem como sentidos atualizados ou novos ante as situações vivenciadas e que passam a fazer parte da constituição subjetiva do indivíduo e a orientar a própria ação social. Desta forma, a capacidade criadora do homem, ou seja, sua condição de ser gerador de cultura se dá por meio da união indissolúvel entre o simbólico e o emocional, que pode emergir como algo original e espontâneo na dinâmica complexa da subjetividade.

Com a categoria sujeito, por sua vez, Fernando González Rey enfatiza a capacidade do indivíduo em romper e transcender uma dada situação instituída mediante uma produção subjetiva que lhe ofereça caminhos alternativos de atuação. A condição de sujeito expressa, assim, a capacidade do indivíduo de

gerar novos processos subjetivos, novas atuações sociais e, como tal, novos processos instituidores de cultura.

Percebemos que, a partir de diferentes concepções, Freire e González Rey não se prendem ao determinismo histórico do pensamento marxista. Freire assim o faz tanto por meio de uma profunda influência humanista do pensamento cristão, que se expressa por meio de vocábulos como “vocaçãõ humanizadora”, “comunhão”, “fé”, entre outros, quanto pela influência da práxis do marxismo dialético, histórico cultural. González Rey o realiza por meio de sua abordagem histórico cultural da subjetividade humana e por seu reconhecimento da capacidade geradora e criadora da psique humana<sup>6</sup>.

## **2. O Papel da Educação: o diálogo como base para a conscientização**

Ainda que observando seus diferentes objetos de estudo, seja o da subjetividade para González Rey, seja o da educação como ato político para Freire, os dois autores parecem concordar na necessidade da superação da educação baseada na simples transferência de conhecimentos e de valores para os alunos.

Em Freire, tal preocupação se expressa na superação da educação bancária<sup>7</sup>, na supressão da diferença de poder entre o educador e os alunos, no respeito ao outro como um ser de cultura e conhecimento, na abolição da hierarquia educador-aluno por meio do diálogo como base da aprendizagem. A educação, nessa perspectiva, deve favorecer a conscientização, necessita ser libertadora e emancipatória para os indivíduos que aprendem. Freire (2011c) esclarece que:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade

---

<sup>6</sup> Cabe notar aqui que o humanismo em Freire constitui um fundamento de seu pensamento que o diferencia de González Rey. Para González Rey, no que concerne à matriz da psicologia humanista, ainda há a tendência de conferir um valor universal, ou abstrações teóricas universais, ao Homem. É o caso, por exemplo, da ideia de “autorrealização”. Segundo o autor, as correntes humanistas da psicologia não conseguem dar conta do caráter complexo e contraditório da subjetividade.

<sup>7</sup> Na educação bancária “[...] o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhados da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação” (FREIRE, 2011b, p. 80). Nesta educação, que satisfaz aos interesses dos opressores, os educandos não desenvolvem “[...] em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele (FREIRE, 2011b, p. 83).

opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (p. 57).

Podemos inferir que é a consciência ligada à práxis libertadora que confere às pessoas e aos povos o poder sobre a sua própria vida. Para Freire, a consciência forma-se na relação do homem com o real, relação da qual resulta o conhecimento que será expresso na linguagem. Efetivamente, a maneira de expressar o real e estabelecer relações com este passa sempre, para o ser humano, pela consciência, isto é, pelo grau de apreensão da realidade em um ambiente histórico-cultural.

Nesse sentido, a educação precisa considerar os diferentes graus de apreensão, ou seja, os variados níveis de consciência que os homens têm diante da realidade. Freire identifica três níveis de consciência: a primária, a mágica ou a crítica<sup>8</sup>. Ele defende que a educação deve buscar desenvolver a consciência crítica uma vez que ela:

[...] rejeita a passividade e se caracteriza por uma disposição para rever as posições, um permanente questionamento, uma busca do rigor do raciocínio, a prática do diálogo de preferência à polêmica vazia, o acolhimento ao novo sem a rejeição do antigo, e formas de vida permeáveis, interrogativas, ativas e autênticas (LOIOLA & BORGES, 2005, p. 316).

Em González Rey, o processo educativo é tão mais significativo quanto melhor conseguir constituir momentos de produção subjetiva para os indivíduos que aprendem. A educação precisa, assim, buscar o desenvolvimento de sujeitos pró-ativos, críticos e criativos. Para tal, deve atentar-se para as produções subjetivas dos alunos, assim como para o desenvolvimento de recursos personológicos que favoreçam a emergência de suas condições de sujeito. Nas palavras do autor:

---

<sup>8</sup> Para Freire, a consciência primária é uma limitação do humano empobrecido no campo do seu conhecimento e da sua consciência, uma espécie de impermeabilidade diante dos enfrentamentos que ultrapassam o quadro da sua órbita vegetativa. Já do pensamento mágico, decorrem uma atitude de submissão e uma forma passiva de apreensão e de interpretação do real. É que o compromisso da intransitividade decorre de uma obliteração no poder de captar a autêntica causalidade, daí o seu aspecto mágico (FREIRE, 2011b, p. 86). Entretanto, Freire observa que as pessoas que têm uma consciência mágica, mais do que a primária, do mundo, aumentam o seu poder de compreensão e de resposta diante das solicitações do seu ambiente. Elas são mais capazes de dialogar, não só com outras pessoas, mas também com seu próprio mundo [...] Por fim, na consciência crítica, graças a uma educação ativa e aberta para o diálogo, orientada para a responsabilidade social e política (FREIRE, 1978 apud LOIOLA & BORGES, 2005), encontra-se mais intencionalidade na interpretação dos problemas.

[...] a educação é um processo orientado ao desenvolvimento pleno da pessoa que estimula a expressão autêntica, franca e interessada do escolar dentro do qual este simultaneamente constrói conhecimento se desenvolve em planos diversos como pessoa (GONZÁLEZ REY, 1985, p. 02).

González Rey defende, assim, uma educação que se apoie no diálogo e em processos de criação e autoria dos alunos, como forma de favorecer momentos de produção e implicação subjetiva, superando a educação mecânica e reprodutivista, tão presente hoje na escola. Freire, de forma análoga, propõe a educação problematizadora, na qual a relação entre educando e educador se pauta pela reflexão e pelo diálogo, estabelecendo, assim, uma forma singular de pensar e atuar no mundo.

Percebe-se que, para os dois autores, educar implica possibilitar o pensar autêntico do educando. Desta forma, a educação adquire um real sentido de instrumentalizar o indivíduo a agir na sociedade de forma consciente, em busca de possíveis mudanças de situações que não lhe são favoráveis e o desumanizam. Por isso, podemos asseverar que, para Freire e González Rey, a educação é um ato político. Por conseguinte, toda e qualquer educação não é neutra, mas carregada de uma intencionalidade. Nas palavras de Freire (1997):

Como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo [...]. Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto ou aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê [...]. Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto à que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, a terra, à educação, à saúde, quanto à que, pelo contrário, reacionariamente pretende imobilizar a História a manter a ordem injusta (p. 110-115 e 123).

Nessa educação, Freire destaca a importância da conscientização, o que nos permite aqui sugerir uma analogia entre a visão de consciência e capacidade de resposta diante das solicitações do mundo e da vida em Freire, e a ideia do sujeito como indivíduo capaz de produzir subjetivamente caminhos alternativos possíveis às situações de desafio e impasses, em González Rey. Ainda que sob diferentes premissas, para os dois autores, o “assujeitamento” corresponde à incapacidade de respostas ante as situações que exijam mudanças.

### 3. O papel do outro na educação

A relação com o outro está presente nos estudos de Freire e González Rey, com suas especificidades, porém com pontos de contato relevantes entre eles. Para ambos os autores, o papel do outro pode exercer uma influência na própria organização e atuação do sujeito com o mundo. No papel do outro nos processos educativos, o foco está na possibilidade de diálogo como uma forma de possibilitar a expressão autêntica dos sujeitos envolvidos na relação.

Para Freire (2011c), o diálogo se constitui como um encontro em que o refletir e o agir se voltam à intenção de humanizar e transformar o mundo. Para isso, o diálogo deve se fundar no amor, na humildade e na fé nos homens, constituindo-se em:

[...] uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 2011c, p. 113).

Sendo assim, um clima de confiança não se estabelece em uma situação de antidialogicidade, ou seja, o outro assume uma função essencial na relação à medida que a hierarquia e a dominação não se façam presentes. Nesse sentido, os homens se libertam e atuam no mundo de forma consciente e crítica.

Para González Rey (2004), a relação com o outro propicia o próprio desenvolvimento do sujeito, quando é caracterizada pelos novos sentidos subjetivos que produz em meio à relação. É no diálogo com o outro em que se configura de forma autêntica a relação, que há produção de sentido subjetivo. Quando não há produção de sentido subjetivo na relação com o outro, dificilmente o diálogo se constitui. Isso acontece à medida que “[...] a delimitação dos sujeitos se desvanece e é substituída por um espaço social monolítico e dirigido desde uma posição de poder, no qual o que parece como unidade está definido pelo medo e a subordinação” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 23).

Nota-se, em ambos os autores, um respeito ao pensamento próprio do sujeito, configurando o caráter criativo de gerar ideias e não meramente de consumir ou mesmo reproduzir conhecimento. Uma relação entre educador e educando

fundada em tais princípios revela o potencial do outro na constituição do sujeito, não de uma forma linear, do externo ao interno, mas mediante toda uma mobilização de emoções que são experienciadas pelos sujeitos na relação de aprender, que podem tanto ser favorecedoras de uma expressão autêntica como de submissão.

Dessa forma, a comunicação é um ponto de congruência entre as ideias de Freire e González Rey, pois, para ambos, ela constitui uma ação humana fundamental para que se estabeleça a expressão do singular dos sujeitos. Para os dois autores, os sujeitos não se diluem no ato da comunicação, mas se firmam em seus posicionamentos e troca de ideias. Para Freire (2011c):

[...] somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos, de uma realidade (p. 89-90).

Podemos inferir que Paulo Freire e González Rey percebem o sujeito como um ser concreto, constituído a partir de sua história de vida singular, mas enraizado no presente. Por isso, a necessidade de a comunicação ocorrer com base nas experiências, em meio às produções emocionais e simbólicas que envolvem o sujeito em uma ação concreta, permeada pela sua história de vida, que é, ao mesmo tempo, singular e plural.

#### **4. A singularidade dos sujeitos nos processos da leitura e da escrita**

Um dos temas centrais das elaborações Paulo Freire e que permeia suas obras é a leitura do mundo. É um dos eixos que, junto a outros, possibilitou a sua construção da “educação como prática da liberdade”. Assim, a leitura do mundo consiste no primeiro passo do método Paulo Freire. Como uma de suas reais preocupações, Freire elaborou um método de alfabetização que contribuísse para que os educandos pudessem analisar criticamente a realidade e agir sobre ela de forma consciente.

Nessa época (no Brasil), como hoje, eu não estava exclusivamente preocupado com a alfabetização. Eu não sou, como muita gente pensa, um especialista na alfabetização de adultos. Desde o início de meus trabalhos eu procurava alguma coisa além do que um método mecânico

que permitisse ensinar rapidamente a escrita e a leitura. É certo que o método devia possibilitar ao analfabeto aprender os mecanismos de sua própria língua. Mas, simultaneamente, esse método devia lhe possibilitar a compreensão de seu papel no mundo e de sua inserção na história (BEISIEGEL, 1982, p. 19).

Paulo Freire nos brinda com um método de alfabetização que parte do conhecimento das atitudes, modos de vida, costumes, ou seja, da vida concreta dos educandos, com os quais o processo educativo era realizado. Neste sentido, sua preocupação era construir uma pedagogia que desse conta de abarcar toda essa realidade e a partir dela desenvolver uma prática de ensino dialógica.

Uma de suas críticas à utilização das cartilhas na escola refere-se ao distanciamento do seu conteúdo da própria vida do aprendiz, apresentando ao educando frases ou palavras que não fazem parte de seu cotidiano, não possibilitando um ponto de referência para a aprendizagem, como se o aprender fosse algo totalmente separado das necessidades reais das pessoas. Essa visão tem influências múltiplas na própria organização e estruturação do método proposto por Paulo Freire.

Esse método parte do contexto do educando, das palavras que participam do seu dia a dia. Palavras que possuem um sentido ao educando fazendo-o agir no mundo de determinadas formas. A ideia principal do método é trabalhar a leitura e a escrita de forma a conscientizar o aprendiz da sua condição atual, para possibilitar a sua atuação e mudança no mundo. Sendo assim, a escrita passa a elaborar uma construção própria e significativa para o indivíduo e não o coloca como passivo nessa relação, mas como gerador de ideias próprias e implicadas com sua condição histórico-social.

Desta forma, Paulo Freire ressalta que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Tal assertiva nos revela a sua preocupação com os saberes da experiência da pessoa, rompendo com o conceito de que o educando é uma tábula rasa a ser preenchida pelos conteúdos escolares. Mas insere a ideia de que o educando é um ser produtor de cultura e, por isso, em seu método, propõe que se tenha como ponto de partida a cultura do educando, para conscientizá-lo de que ele também produz cultura, ao passo que interage com o mundo.

A leitura e a escrita instituem-se como aprendizagens essenciais, às quais González Rey (2004) outorga um lugar essencial, trazendo-as como possíveis unidades subjetivas do desenvolvimento nos processos de aprendizagem do sujeito. Pois podem constituir-se como unidades de sentidos mais estáveis no desenvolvimento do sujeito e configurar suas ações concretas, permitindo uma relação personalizada e implicada do sujeito nesse processo.

González Rey (2006) alerta para a compreensão da aprendizagem como processo de desenvolvimento humano a partir do momento em que permite ao educando uma relação com o aprender para além de uma dimensão cognitiva-reprodutivista, mas que o envolve na sua complexidade e apreende a organização subjetiva.

A partir da compreensão do indivíduo como um ser histórico cultural, altamente singular e constituído por uma dimensão subjetiva criadora, percebe-se que, para ambos os autores, a escola necessita ser um espaço de relações, em que a comunicação e a liberdade sejam aspectos essenciais que participam efetivamente de um método que seja capaz de favorecer o desenvolvimento integral do aprendiz.

Se o método de Paulo Freire prima pelo diálogo e pela organização de conteúdos significativos da realidade do educando, González Rey similarmente defende o reconhecimento dos saberes e da cultura do outro, para a busca por elementos significativos que abram janelas de produção subjetiva dos sujeitos que aprendem.

É marcante em sua obra, quando Freire denuncia um ensino totalmente separado dos trabalhadores, que, após um dia de serviço, chegam à escola como se fosse um espaço totalmente à parte de sua vida. Por isso, em seu método propõe uma:

[...] alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação (FREIRE, 2011b, p. 137).

A alfabetização, para Freire (2011a), é compreendida como um ato criador do próprio sujeito. Por conseguinte, para Freire e González Rey, a aprendizagem instrumentaliza o homem a atuar no mundo. Assim, para González Rey (2004), a “aprendizagem da leitura pode tornar-se um espaço de socialização e de produção simbólica, estimulando sentidos subjetivos e recursos muito diferentes na criança, desde intelectuais até morais” (p. 18). Desta forma, para ambos os autores, a leitura consiste uma aprendizagem essencial ao homem para sua atuação consciente e crítica no mundo.

## **5. A expressão autêntica dos sujeitos da pesquisa**

Em Paulo Freire, para empreender um método de alfabetização que dê conta da dialogicidade e do humano, é necessária uma metodologia que seja coerente com seus princípios. A proposta de investigação inicia com a busca do tema gerador que fará parte de todo o processo de alfabetização, o qual é retirado do homem em seu contexto e não isolado de sua realidade.

No mesmo movimento, González Rey, ao estudar a subjetividade como um processo complexo e singular, desenvolve uma proposta epistemológica, que compreende o conhecimento não como uma apropriação linear da realidade, mas como uma produção humana. Em seu método construtivo-interpretativo, a pesquisa é uma construção do pesquisador. Ela não tem como objetivo “explicar” a realidade, e, sim, construir “modelos compreensivos” sobre realidade. González Rey rompe, assim, com a lógica instrumental da pesquisa. Concebe o processo de pesquisa como social e subjetivo aos sujeitos que dela participam e, portanto, um processo singular e, permanentemente, aberto (GONZÁLEZ REY, 2005).

É importante demarcar a especificidade de cada um dos autores. Freire se refere a um processo de investigação para fins de um método de alfabetização; enquanto González Rey elabora a construção teórica da Epistemologia Qualitativa que elucida uma nova relação epistemológica com a pesquisa científica. Ambos os autores nos brindam, assim, com concepções fundamentais de uma nova forma de compreender o humano, nas suas múltiplas relações com o mundo e o conhecimento.

Freire e González Rey se aproximam ao priorizarem que ambos os indivíduos, investigadores e os participantes da pesquisa, sejam de fato sujeitos dessa investigação e não meros objetos a serem analisados. Os sujeitos participam da pesquisa, e a comunicação e o diálogo tornam-se elementos constituidores de um espaço conversacional. Como destaca González Rey (2005), ao atribuir um lugar essencial à comunicação “[...] como espaço primordial para a manifestação do sujeito crítico e criativo na pesquisa” (p. 14).

González Rey (2005) enfatiza que o conhecimento é um processo de construção, uma produção humana que tem sua legitimidade nas permanentes construções do pesquisador, ante a realidade, por meio das zonas de sentido que são criadas no curso da investigação. Freire também confere uma importância fundamental ao pensar autêntico do sujeito a ser pesquisado e do pesquisador, do qual emerge uma fonte fundamental que irá guiar o processo educativo. Segundo esse pensador:

[...] A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensado o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação (FREIRE, 2011c, p. 141).

Quando Freire nos fala da importância do método se atentar para cada realidade vivenciada pelos sujeitos, aponta-nos como González Rey, a legitimação do singular para cada contexto pesquisado, conferindo a cada pesquisa o seu valor a partir do local e do cenário de pesquisa em que foi desenvolvido o trabalho. Como ressalta González Rey (2005), “a informação ou as ideias que aparecem através do caso singular tomam legitimidade pelo que representam para o modelo em construção [...]” (p. 11).

### **Considerações Finais**

Paulo Freire e González Rey, ao teorizarem sobre a formação de um sujeito que participa ativamente da cultura e da sociedade, trazem-nos diálogos instigantes e desafiadores para serem concretizados na realidade brasileira em especial.

Educar como um ato político, não pode necessariamente se transformar em um simples “jargão” como tantos utilizados na educação e nem mesmo existir apenas na composição da escrita de um texto, é preciso que a essência desta ideia seja apreendida por nós educadores e materializada nas esferas educativas, na própria inconclusão do homem e de sua constituição histórica.

Por isso, falar em um sujeito que constitui e é constituído pela cultura é falar de um humano vivo e consciente da sua incompletude, da sua profunda relação com os homens. Neste movimento dos sujeitos, o sentido subjetivo pode ser produzido a partir do outro que se configura como um possível agente de mudança. Sendo assim, os autores não nos falam de relações humanas como o simples fato de ocuparmos um mesmo local no tempo e no espaço, como meros contatos. Indicam-nos, sim, a riqueza que há nas relações humanas quando a autenticidade dos sujeitos existe.

Os pensamentos de Freire e González Rey nos apontam para as possibilidades da educação em ser capaz de gerar mudanças substantivas no desenvolvimento dos sujeitos mediante a ação ativa destes e não em uma relação de submissão.

Freire e González Rey nos lançam a sua coerência de pensamento na própria metodologia que empreendem, ao conferirem ao sujeito pesquisador e sujeito pesquisado o diálogo constante na construção da investigação. É nesse momento que podemos perceber que a obra de um autor ganha relevância científica e social, pois apresenta caminhos possíveis de ser trilhados pelo pesquisador, que se vê como um sujeito de sua pesquisa e não como mero objeto, assim como o sujeito pesquisado, em que ambos constituem a singularidade da pesquisa.

Portanto, temos um grande desafio ao consolidar uma relação entre dois brilhantes educadores, que mais que divulgar suas ideias é essencialmente concretizar a sua relevância para a construção de uma sociedade mais justa e humana, que se faz pela conscientização e, por isso mesmo, na formação de sujeitos críticos, participativos e subversivos à ordem imposta.

## Bibliografia

BEISIEGEL, C. R. *Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. *Paulo Freire*. Coleção Educadores, MEC, Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Massangana, 2010.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011c.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. In: SIMÃO, L. M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. *O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thomson, 2005.

\_\_\_\_\_. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, M. C. (Org.). *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas: Alínea, 2006.

LOIOLA, F.; BORGES, C. A pedagogia de Paulo Freire ou quando a educação se torna um ato político In: TARDIFF, M.; GAUTHIER, C. (Orgs.) *A Pedagogia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SAVIANI, D. *História das Idéias Pedagógicas no Brasil*. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2010.